

O SOM DE DENTRO: práticas vocais nas séries iniciais.

Thamiris Aparecida Corrêa
UNIVALI
profthamiriscorrea@gmail.com

Cristiane Muller
UNIVALI
crispassarim@hotmail.com

Resumo: O presente artigo relata experiências do estágio supervisionado de acadêmicos do Curso de Licenciatura em Música da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, sob a temática da utilização da voz cantada com foco no canto em grupo e sua importância no fazer musical da idade. Buscando utilizar exercícios lúdicos de preparação e um repertório adequado para a prática, a abordagem foi feita a partir do princípio de que toda criança pode e deve cantar e, se bem direcionada, pode fazer com qualidade e consciência. O trabalho foi realizado numa escola de educação básica no município de Itajaí, SC, com alunos do segundo ano do ensino fundamental. Através de leituras bibliográficas, planejamentos, intervenções, vídeos, fotos e relatórios obtiveram-se os materiais necessários para a análise dos resultados. Sob o ponto de vista dos estagiários a resposta das crianças sobre temas específicos como preparação vocal e o desenvolvimento da voz foi sendo mais consciente a cada intervenção.

Palavras chave: Canto em grupo; Educação musical; Desenvolvimento vocal.

Introdução

O presente artigo apresenta os relatos da experiência docente realizada no estágio supervisionado do sexto período do curso de Licenciatura em Música, tendo como público alvo alunos do segundo ano do ensino fundamental. Esse projeto, planejado sob o tema da utilização da voz nas aulas de música, não visa apenas a evolução individual dos alunos e sim em conjunto, aprendendo, explorando e exercitando valores tanto musicais quanto pessoais.

A pretensão de realizar um trabalho com crianças envolvendo o canto em grupo parte do princípio de que a voz é um instrumento pouco explorado na educação básica. Fazer com que crianças que já deixaram a primeira infância, talvez não sendo incentivados a desenvolver a voz da forma adequada, tenham motivação para cantar é um desafio. A falta de interesse dessas crianças em participar de um grupo que canta pode ser um dos motivos

que fazem com que professores de música não optem por esse recurso nas suas práticas. A causa desse retraimento pode vir de uma cultura que exclui os considerados desafinados e faça com que esses tenham vergonha de usar a sua voz, principalmente diante de outras pessoas. Essas causas devem ser analisadas e tratadas para que haja uma mudança no quadro musical desses pequenos grupos, dentro ou fora do ambiente escolar.

A educação vocal é um princípio básico para a educação musical da criança e não deve ser deixada de lado, principalmente nos anos fundamentais de desenvolvimento dessa aptidão, que ocorre de 0 a 9 anos. Isso exige do professor um cuidado com relação à forma de ensinar e ao modelo que se quer refletir. A busca constante por materiais e a pesquisa acerca do conteúdo deve fazer parte da rotina desse educador, para sempre colaborar no processo dessa descoberta sonora que vem de dentro.

Fundamentação teórica

[...] todas as crianças podem ser ensinadas a cantar se elas começarem sua descoberta vocal pessoal desde muito cedo e se elas são ensinadas por alguém que não apenas acredita que toda criança pode cantar, mas também possui as competências para ensiná-la [...].

Jean Ashworth Bartle¹.

Nos primeiros anos de vida, e sem preocupação nenhuma de estarem afinados ou não, as crianças criam melodias e o canto espontâneo aparece numa forma de expressão sem interferência de adultos. Fonseca (2005, p. 379) diz que os bebês criam rabiscos com a voz “pelo simples prazer de ter o domínio da habilidade de emitir sons”. Essa fase, estudada por muitos pesquisadores, tem sua importância inegável, mas e depois? A partir de algum momento dessa fase, esses meninos e meninas passam a se inibir com relação a sua voz e não cantar mais pelo puro e simples prazer. O fato de não ter uma exploração vocal direcionada para sua voz infantil faz com que essas crianças deixem de usufruir do seu brilho e contorno melódico, tornando cada vez mais a voz apenas falada.

¹ (BARTLE, 2003, apud ANDRADE, 2010, p. 76).

É comum ouvir desde muito cedo as crianças usarem o termo “desafinado” ou “sem voz bonita” para justificar seu medo de cantar em público. Afinal, o que é ser desafinado? Já que a afinação pode ser considerada um fator cultural, e não como algo fixo e imutável, podem ser consideradas desafinadas as pessoas que:

[...] apesar de conviverem com os padrões musicais comuns à nossa cultura, não conseguem reproduzir vocalmente uma linha melódica, cometendo erros, entre os intervalos das notas, que a tornam diferente do modelo sugerido (SOBREIRA, 2003, p. 33).

Para nortear o trabalho vocal, utilizaremos os três tópicos descritos por Sobreira (2003) e que muitos autores julgam serem as principais causas de desafinação: Percepção Musical, Memória Musical e Produção Vocal. Essa divisão serve apenas para pensar os conteúdos a serem trabalhados, mas as atividades mantêm uma interação entre eles para não tornar a prática apenas técnica, e sim musical. Pensando em guiar esses conteúdos de uma forma dinâmica, torna-se indispensável a utilização de jogos e brincadeiras para o desenvolvimento de habilidades da fala, do canto, da memória, da expressão e socialização entre os envolvidos.

O repertório sempre é o ponto alto das aulas e foi escolhido pensando num processo ligado aos exercícios que serão propostos. Alguns critérios devem ser levados em conta, como tonalidade, extensão, letra e modelo adequado para as crianças seguirem. Para Sobreira (2003), a insistência no canto de melodias que não estejam dentro da capacidade vocal das crianças contribui para o aumento do número de crianças desafinadas. Canções com letras adequadas para a fase, e que colaborem no processo de memorização e linguagem, também é uma preocupação para quem trabalha com o canto. Um texto com sentido para a criança faz com que o processo seja mais espontâneo e é indicado que seja ensinado juntamente com a melodia, para que a canção seja aprendida globalmente.

Apesar dos exercícios para desenvolvimento vocal que serão aplicados durante as intervenções, a ênfase do trabalho não está apenas no termo “cantar afinado” e o mesmo não será priorizado como objeto final. Segundo Giga (2004), embora existam fatores orgânicos, os de ordem psicológica e ambientais são os que interferem com mais frequência

no desenvolvimento da musicalidade, como a falta de estímulo sonoro na primeira infância, de jogos musicais, do canto da mãe ao adormecer o bebê limitando a aprendizagem inconsciente. “A timidez e renúncia em participar num grupo que canta, na altura da escolaridade, pode levar a criança a retrair-se e, por medo, cante desafinado” (GIGA, 2004, p. 72).

Descobrir a voz e perceber que todos podem utilizá-la de uma forma musical e encantadora para fazer música juntos é o foco principal dessa prática pedagógica. Ao explorar o universo vocal o aluno percebe seu potencial musical e começa a interagir com o seu entorno. É exatamente aprender um instrumento, um que ele já possuía e não utilizava completamente, e após conseguir dominá-lo se surpreende com o que é capaz de fazer.

Relatos de experiência

Percepção auditiva e produção vocal

Já a partir da primeira intervenção foi programado um início de exploração da voz, como forma de mostrar aos alunos suas capacidades vocais, sem se preocupar ainda com a afinação. Os elementos do cotidiano foram expostos de uma maneira dialogada, para instigar a participação da turma, e timbres como o da sirene, a risada do Papai Noel, buzinas e alguns sons de animais foram reproduzidos sem interferência nas alturas das notas. Também foram estimulados a reproduzirem algumas interjeições, dando ênfase na voz falada. Conforme era escrita a palavra no quadro eles liam de forma expressiva, por exemplo: UAU! OH! OBA! AAH!. Passando esses sons para notas com alturas definidas, foi utilizada a música *O relógio da vovó*, de Bia Bedran. Os estagiários cantavam a frase e as crianças respondiam com “tic, tac, tic, tac”, intercalando a onomatopeia referente ao som do relógio entre sons agudos e graves.

Com o fim de trabalhar a expressão facial e corporal, foram realizados alguns exercícios de alongamento, sempre frisando para os alunos a importância da preparação do corpo antes de cantar, usando o exemplo de um maratonista que não pode começar a correr sem aquecer e alongar os músculos. Assim, foi pedido para que ficassem de pé ao lado da

cadeira e realizassem movimentos com o pescoço, braços, pernas e depois algumas caretas, ativando os músculos da face.

Para os exercícios de aquecimento, acompanhados do teclado, algumas melodias curtas, simples e com graus conjuntos foram sendo executadas pelas crianças com as indicações dos estagiários. Conforme os exercícios iam alcançando o registro agudo, as orientações eram para que observassem esse movimento, priorizando a execução na região correta, não tanto as notas específicas. Em um desses exercícios, a expressão através das próprias vogais utilizadas foi o ponto de partida. As crianças foram questionadas sobre qual expressão facial combinaria melhor com cada vogal. À vogal “A” foi dada a expressão de alegria, ao “E” a de comemoração, à letra “I” a de que alguma coisa saiu errada, ao “O” a de espanto e ao “U” uma espécie de vaia. Todos cantaram os exercícios com as expressões sugeridas e incluindo movimentos com o corpo, dando ênfase ao que se queria afirmar.

Jogos e atividades complementares

Seguindo a ideia de, além do repertório, realizar brincadeiras utilizando a voz durante o estágio, a primeira foi para ligar a execução dos sons do cotidiano reproduzidos e a percepção sonora de intensidade. Após um objeto ser escondido, uma das crianças entrava na sala e tinha que encontrá-lo seguindo o som de sirene de seus colegas, que aumentavam e diminuía a intensidade conforme o mesmo se aproximava ou afastava do objeto escondido. Uma brincadeira de expressão vocal também foi inserida, aonde todos puderam explorar a voz de forma divertida, repetindo palavras com diferentes entoações, uma vez agudo, depois grave, depois imitando um cantor de ópera, mascando chiclets, etc.

A música *Yapo*, utilizada para vários fins musicais, foi pensada para articular a voz ao gesto. A atividade iniciou com uma demonstração da música, constatando de imediato que a maioria dos alunos já a conheciam. A letra e os gestos foram padronizados, já que existem várias versões para essa mesma brincadeira. A proposta era que os alunos pudessem cantar e executar os movimentos de forma coordenada e, a cada repetição, foi aumentada a velocidade gradativamente, dificultando e desafiando-os.

Repertório

Sentados em círculo no chão, a música *Canto do povo de algum lugar* (Caetano Veloso) começou a ser trabalhada, apenas a primeira estrofe. A melodia e letra foram ensinadas ao mesmo tempo nas primeiras vezes, só depois, pela necessidade de entender melhor os caminhos da melodia, que essa foi cantada sem a letra, dando mais ênfase às alturas. Da mesma forma, a letra também foi falada sem a melodia, pois estava em processo de memorização. Depois de algumas intervenções, essa música foi retomada, lembrando a estrofe já aprendida e expondo as novas. Partindo das crianças, algumas dúvidas sobre os significados das palavras foram levantadas, como “a terra cora” e “venerando a noite”. Com uma linguagem clara e objetiva os questionamentos foram respondidos e a canção pode ser melhor compreendida.

Depois dos exercícios de exploração da voz falada, iniciou-se a canção *Sol, Lua e Estrela* (Palavra Cantada). A música foi escrita no quadro e ensinada frase por frase. A estagiária cantava a parte melódica e os alunos respondiam com a parte falada, exagerando nas expressões da pontuação, como o ponto de interrogação (?) e exclamação (!).

A nova música, *Quem dorme é o leão* (Elton John e Tim Rice), foi ensinada dividida em duas intervenções. Na primeira, apenas a introdução e o refrão foram ensinados e cantados com algumas separações de gêneros, sugeridos pelos alunos. Na segunda, foram retomadas as partes que já haviam sido aprendidas e iniciadas as partes com letra. Por ser bem repetitiva, as crianças aprenderam a letra rapidamente, cantando com facilidade.

Reflexão das atividades

No primeiro momento, a euforia das crianças e a curiosidade sobre as atividades que seriam realizadas acabaram criando um ambiente barulhento. Conforme íamos conversando e reproduzindo os sons sugeridos, eles começaram a participar de forma mais organizada, permitindo que a proposta fosse alcançada. Consideramos esse momento importante e Brito também afirma que “além de cantar, devemos brincar com a voz, explorando possibilidades diversas: imitar vozes de animais, ruídos, [...]” (BRITO, 2003, p. 89)

e nessa exploração a extensão vocal estará sendo ampliada, contribuindo para uma boa execução das canções.

A discussão sobre a importância da preparação corporal foi muito proveitosa, pois as crianças demonstraram interesse e participaram com atenção. Algumas até sugeriram alguns movimentos e todos repetiram, respeitando as observações do estagiário para fazer de forma consciente.

A ideia de buscar uma brincadeira que utilizasse a palavra como forma de exploração da voz veio do princípio que nos mostra Carmo:

A voz é um instrumento a serviço de dois distintos fazeres. Em primeiro lugar, a voz é um dizer; diz fonemas, palavras, frases, discursos, numa palavra, a voz é logos. Mas a voz também é um cantar; canta notas, motivos melódicos, frases musicais, melodias. A voz agora é mélos. São duas diferentes manifestações da oralidade que podemos analiticamente distinguir, mas que, são indissociáveis, por que complementares (CARMO, 2014, p. 218).

Um tema que obteve bons resultados também foi sobre o contorno melódico da voz falada. Todos interagiram no momento de reproduzir vocalmente as expressões escritas no quadro, alguns com mais entusiasmo. Perceber a inflexão vocal foi algo novo para eles, pois ao que pareceu não haviam pensado ou falado sobre isso, e acabou fazendo diferença na hora de cantar.

Nas canções escolhidas, o progresso foi notado a cada intervenção. As duas primeiras músicas foram novas para os alunos, o que tornou o processo de aprendizado mais desafiador, pois a maioria ainda não sabia ler com agilidade, o que precisou de uma dedicação maior para a memorização. As melodias foram compreendidas e executadas cada vez mais precisas, e ajudou o fato de ter mais predominância os graus conjuntos. Para a última canção, pensamos a possibilidade de exploração com saltos (intervalos) mais distantes, diferentes das outras duas. A preocupação em escolher uma das músicas que utilizasse esses intervalos, explorando os registros graves e agudos, é baseada nos apontamentos de muitos educadores que trabalham a voz infantil para os grupos de criança

que cantam basicamente a mesma nota sempre, geralmente na região grave, chamadas de monotônicas. Segundo Giga:

O “monotonismo” caracteriza-se pela incapacidade da criança em reproduzir vocalmente e na frequência correta os sons que ouve. A criança nestas condições possui, geralmente, uma extensão vocal muito limitada, no registro grave, ou emite apenas um único som também no registro grave ou, mais raramente, no agudo. Trata-se de um problema que afeta milhares e milhares de crianças. Se não for tratado na primeira infância, perdurará para toda a vida privando a pessoa do prazer de cantar (GIGA, 2004, p. 71).

Por ser uma canção que a maioria já conhecia, a aceitação foi instantânea, que fez com que todos cantassem com bastante motivação. No refrão, parte onde existe o maior intervalo melódico, já se pôde explorar bastante os registros graves e agudos, ponto que foi referência para a escolha dessa canção. As crianças sugeriram dividir as partes cantadas e que os meninos ficassem com as notas mais graves e as meninas com as agudas. Acreditamos que essa divisão foi pensada a partir do princípio da diferença de registro que existe entre as vozes masculinas e femininas, coisa que não acontece na voz infantil. Giga explica que:

A voz da criança até à puberdade não manifesta diferença. A tessitura da voz cantada é igual em ambos os sexos. Só depois da mudança da voz, na altura da puberdade, o timbre infantil e as características pueris desaparecem para dar lugar à voz do adulto (GIGA, 2004, p. 70).

Consideramos os exercícios de aquecimento que se realizaram nas aulas fundamentais para o desenvolvimento da percepção auditiva dos cantores. Foi nesse momento, através de melodias e intervalos simples, que eles puderam ter a concentração dirigida para os contornos melódicos que a voz cantada é capaz de fazer. Nessa preparação, sentimos as crianças conscientes das alturas, apesar de algumas vezes não conseguirem cantar a nota correta. Brito nos diz que:

Cantando coletivamente, aprendemos a ouvir a nós mesmos, ao outro e ao grupo como um todo. Dessa forma, desenvolveremos também aspectos da

personalidade, como atenção, concentração, cooperação e espírito de coletividade. (BRITO, 2003, p. 93).

A afinação deve ser trabalhada continuamente num processo que duraria mais que as poucas intervenções que tivemos, mas já pudemos observar uma melhora na percepção de registros, quando o teclado toca em diferentes oitavas elas tentam cantar o que estão ouvindo, princípio fundamental para chegar à afinação desejada. Diana nos explica que “[...] o objetivo dos exercícios é obter melhores resultados com menor esforço e com mais naturalidade. É esta a função da técnica vocal: facilitar a produção da voz e possibilitar o seu bom desempenho por toda a vida, proporcionando eficiência e longevidade para a sua voz” (GOULART; COOPER, 2013, p. 14). Quando unimos vocalizes com a expressão corporal e facial, tudo se tornou mais musical. Mesmo sendo técnicos, os exercícios não podem ser apenas mecânicos, principalmente com as crianças, tem que sair música, e música é a arte de expressão através do som.

Considerações finais

O ato de cantar é algo quase inato à criança e essa prática, quando bem direcionada, sempre envolve todos de forma espontânea obtendo resultados prazerosos e significativos. A cada intervenção, a resposta das crianças sobre o tema foi sendo mais consciente e é importante lembrarmos que o foco não era propriamente a afinação, mas sim, o prazer em cantar, criando um vínculo afetivo entre os envolvidos.

Os exercícios propostos em forma de brincadeiras fortaleceram os mecanismos de expressão e afinação e foram um caminho para não deixar margem aos rótulos, permitindo assim que todos se envolvessem sem inibições. É difícil encontrar uma criança que não goste de cantar, mas é muito fácil encontrar quem não cante por vergonha de sua voz. Em algum momento do seu dia, essas crianças acabam cedendo ao desejo de cantar e através dessas vivências coletivas com o canto na escola esses momentos se ampliarão, a confiança tornará a atividade mais prazerosa e, conseqüentemente, expressiva. Esse caminho que percorremos, direcionando esses meninos e meninas a utilizarem sua voz de forma mais musical, é um caminho que só tende a trazer bons resultados se feito com dedicação. A

nossa motivação é pensar que essa sementinha plantada possa crescer e florescer em forma de som dentro de cada um dos nossos pequenos cantores.

Referências

ANDRADE, Débora. *A metodologia de Bartle para o trabalho com crianças “desafinadas” por meio do canto coral: uma prática inclusiva*. Revista Tecer – Belo Horizonte – vol. 3, nº 4, maio 2010.

BEDRAN, Bia. *Canção: O relógio da vovó*. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=QPKUObFZpeU>>. Acesso em: 20 out. 2014.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança*. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CARMO JR., José Roberto do. *A voz: entre a palavra e a melodia*. Revista de Literatura Brasileira, São Paulo, n. 4/5, 2004.

FONSECA, Maria Betânia Parizzi. *O canto espontâneo como indicador do desenvolvimento cognitivo da criança de três a seis anos*. ANPPOM – Décimo Quinto Congresso, 2005.

GIGA, Idalete. *A educação vocal da criança*. Revista Cipem nº 6, 2004. Disponível em:
<<http://cipem.wordpress.com/revista/revista-2004-n%C2%BA-6/>>. Acesso em: 15 set. 2014.

GOULART, Diana; COOPER, Malu. *Por todo canto*. vol. 2. Diana Goulart - São Paulo, 2013.

JOHN, Elton. RICE, Tim. *Canção: Quem dorme é o leão*. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=4weRzYOOyqU>> Acesso em: 10 nov. 2014.

PALAVRA CANTADA. *Brincadeira: Yapo*. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=AtDjQblhIK8>> Acesso em: 10 nov. 2014.

PERES, Sandra e TATIT, Paulo. *Canção: Sol, lua, estrela*. O livro de brincadeiras musicais da Palavra Cantada, vol. 5. Editora Melhoramentos Ltda., 1ª Ed, 2ª impressão, 2010.

SOBREIRA, Silvia Garcia. *Desafinação vocal*. – 2ª ed. – Rio de Janeiro, 2003.

VELOSO, Caetano. *Partitura da música: Canto do Povo de Algum Lugar*. Disponível em:
<<http://www.superpartituras.com.br/caetano-veloso/canto-do-povo-de-um-lugar>> Acesso em: 05 nov. 2014.